

Lição de Sensibilidade

por Paulo Morais-Alexandre*

«Falar duma encosta coberta de neve sem ter a alma branca também, retratar uma folha sem tremer como ela, olhar um abismo sem fundura nos olhos, é para mim o mesmo que gostar sem língua, ou cantar sem voz. Vivo a natureza integrado nela. De tal modo, que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro. Nenhum outro espectáculo me dá semelhante plenitude e cria no meu espírito um sentido tão acabado do perfeito e do eterno.»

Miguel Torga – *Diário*, 1942

Quem se propõe olhar para a obra de Gustavo Fernandes verifica desde logo que o artista tem uma capacidade de representação do real extremamente notável, sobretudo quando se trata de um autor que se pode gabar de ter construído a sua formação, não através de estudos convencionais, mas num percurso muito próprio junto dos que considerava mestres, os que entendeu que lhe podiam trazer mais-valias importantes, como Francisco de Oliveira, mas também em significativas academias internacionais como o Dawson College, sendo ainda de registar uma aprofundada pesquisa na esfera das técnicas do desenho segundo o método proposto por Kimon Nicolaïdes, uma das mais importantes referências na área. Não se caia, no entanto, na redutora tentação de se ver as obras deste pintor como uma simples habilidade, competência ou prodígio técnico, que se esgota na representação hiper-realista, o que aliás, só em si não seria de somenos. Tal não pode estar mais longe da verdade.

O ponto de partida para a compreensão do que Gustavo Fernandes pinta pode ser encontrado antes de mais no citado texto de Torga. É inequívoco que o pintor busca uma fusão com o que é representado, que sente o que pinta, ou melhor, que escolhe para pintar aquilo que o emociona.

Há depois que assinalar uma vontade artística que passa por um acto de comunhão. Parte do fascínio que experimenta perante os prodígios da Natureza e, mais do que deixar registados os objectos e paisagens tal como são, num realismo quase

* - Professor de Problemas da Arte Contemporânea e História da Arte na Escola Superior de Teatro e Cinema; Doutor em Letras, especialidade de História da Arte pela Universidade de Coimbra.

fotográfico, subverte as escalas e transmite os momentos vividos, cria situações inesperadas, por vezes mesmo bizarras onde a própria técnica serve para intensificar a emoção sentida. O pintor observa, intui, regista, funde-se e no generoso acto de partilha, ao permitir a fruição das suas obras, liga-nos às paisagens e objectos representados.

Numa actividade que se pode comparar ao trabalho do encenador teatral foge da estrita realidade dos sentidos e representa espaços e enredos por vezes na esfera do onírico e do fantástico, mas sem repetir os esquemas surrealistas.

Depois há uma forma de comunicar, há um desejo de atingir o interlocutor, mas há sobretudo uma mensagem que nos obriga a ver, mais do que olhar, o que se apresenta e dificilmente se poderá ficar indiferente às obras expostas.

Nas suas obras Gustavo Fernandes impõe novos enquadramentos, por vezes mesmo perturbantes, outras vezes serenos, mas sempre novos e que importa fruir a dois níveis, um indubitavelmente como Pintura pura, mas o outro, bem mais importante, sem dúvida, ao nível da Sensibilidade.